

ÁREA TEMÁTICA:
Gestão do Agronegócio na Amazônia

TÍTULO:
A COOPERATIVA E SUAS FINALIDADES: CONTRIBUIÇÕES DA COOPERALFA

Julismar da Silva Pedon
juli_ano_2006@hotmail.com
Universidade Federal de Rondônia

Hígor Cordeiro de Souza
higorcordeiro@gmail.com
Universidade Federal de Rondônia

Mariluce Paes de Souza
admunir2106@yahoo.com.br
Universidade Federal de Rondônia

RESUMO

Competir no mercado não é uma tarefa fácil, atuando isoladamente a dificuldade é maior. O mercado busca cada vez mais qualidade, produtividade, preço entre outros, para as organizações que possuem um porte mais acentuado, esta é uma questão rotineira. Já para os pequenos e médios empresários, ou no caso do agronegócio os produtores, competir com estas organizações de porte maior torna-se mais complexo. Uma das soluções encontradas é o agrupamento ou associação na forma de cooperativas. Este tipo de organização fornece algumas potencialidades que podem ser utilizadas por seus integrantes para melhorar o seu desempenho econômico. Ao longo deste trabalho serão apresentados desde o conceito de cooperativismo até algumas das aplicações ou potencialidades que a cooperativa oferece a seus integrantes e de que maneira isso pode ser aplicado no tocante ao agronegócio, ou seja, cooperativas de produtores podendo utilizar-se de seus ganhos de escala, redução de custo e acesso a novos mercados na busca pela permanência no mercado. Utiliza-se ainda o exemplo prático de uma cooperativa do agronegócio: a Cooperalfa, o que possibilita a evidência de algumas das potencialidades que a cooperativa oferece a seus integrantes.

Palavras-Chave: Cooperativismo; Contribuições; Potencialidades.

1 INTRODUÇÃO

Em uma época de incertezas constantes e variações cada vez mais assustadoras, as organizações tendem a utilizar todo seu conhecimento para adaptar-se e concorrer neste ambiente tão competitivo. No agronegócio a situação não seria diferente, para os pequenos produtores a dificuldade é ainda maior, pois estes possuem uma produção em menor escala e também dispõem de menos recursos para investir em sua produção. Segundo Oliveira (2006, p. 7) “pela própria dificuldade de enfrentar o crescente nível de competitividade entre as empresas, as pessoas procuram agrupar-se, já que assim suas atividades podem ser mais bem desenvolvidas e operacionalizadas, na busca de resultados comuns e compartilhados”.

As cooperativas consistem em uma das formas de competir encontrada pela pequena produção, cujo estabelecimento ou formação ocorre quando existe a escassez de capital, por exemplo, este fator aliado a necessidade de um “tamanho” ou de características de mercado, facilita a inserção neste tipo de organização. “Na atividade agrícola, essa situação é bastante comum, dado que os mercados de insumos e de produtos são concentrados e que, para estabelecer um empreendimento, é necessário porte para proceder a compras em comum ou a armazenagem e processamento da produção.” (BIALOSKORSKI NETO, 2006, p. 69).

As próprias interações político-econômicas do governo representam pressões a serem contornadas, “as alterações no ambiente político e econômico brasileiro, das décadas de 1980 e 1990, vieram pressionar as cooperativas a se ajustarem no intuito de ampliar ou, pelo menos, manter sua participação no mercado” (FERREIRA; BRAGA, 2004, p. 32). Entretanto, esses impactos não atingiram as cooperativas agropecuárias de forma homogênea, sendo que muitas cooperativas endividaram-se, outras perderam mercado. Ainda assim “algumas dessas organizações conseguiram não apenas sobreviver, mas se destacar e aumentar a participação no mercado em que atua devido, sobretudo, a atitudes estratégicas do corpo administrativo, possibilitando-lhes distinguir-se no ambiente em que estavam insertas” (FERREIRA; BRAGA, 2004, p 34).

Assim questiona-se quais as contribuições oferecidas pelas cooperativas a seus associados? Para responder a esta pergunta tornou-se necessário buscar embasamento desde o “surgimento” do cooperativismo moderno, até algumas publicações mais recentes. Assim

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

espera-se chegar a uma descrição das potencialidades que a organização, na forma de cooperativa apresenta a seus cooperados.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nos primórdios da vida humana, a capacidade de cooperação possibilitou competitividade perante espécies predadoras mais aptas, de forma que por não realizar a exclusão de indivíduos, o grupo humano prosperava em numero, interação e solidariedade, o que propiciava a execução de atividades de maior complexidade, o que acarretou na capacidade de garantir a sobrevivência, bem como a segurança do grupo. (ARROYO, 2008). “Há registros sobre a cooperação e a associação solidária desde a Pré-História da civilização, em tribos indígenas ou em antigas civilizações como os babilônicos” (BIALOSKORSKI NETO, 2006, p. 21).

O ser humano é sociável por natureza, assim a cooperação pode ser evidenciada mais facilmente. “Desde o início da civilização, manifestou-se entre os homens o espírito de cooperação, consubstanciado na ajuda mutua, logo reconhecida por eles como indispensável à sua evolução.” (REIS JÚNIOR, 2006, p. 25). Ainda Arroyo (2008, p. 75) citando Durkheim¹ (1893), ressalta que “qualquer agrupamento humano só se constitui em sociedade se for estabelecido algum laço de solidariedade entre os indivíduos para que se originem o pacto de convivência e a ordem social, que deverão ser respeitados por todos”.

“O sentimento de colaboração era, então, ínsito às relações humanas [...]” (REIS JÚNIOR, 2006, p. 26), sendo que “[...] o seu mais expressivo desenvolvimento se deu no ambiente capitalista do século XIX, sendo esse movimento considerado o marco fundamental do cooperativismo dito moderno” (BIALOSKORSKI NETO, 2006 p. 22).

2.1 Cooperativismo

Segundo Arroyo (2008, p. 78) “as raízes da cooperatividade já estão manifestas em Adam Smith (1723–1790)”, mas o cooperativismo seria um movimento, uma doutrina, uma técnica, ou um mix de todos estes?

Na contribuição de Pinho (1977, p. 24):

¹ DURKHEIM, Émile. **De la division du travail social** (1893). Ed. Institut Nationale de la Langue Française. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 15/04/2007.

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

Cooperativismo é [...] ao mesmo tempo: *Movimento* nascido nos meios populares da Europa Ocidental de meados do século XIX, para uma ação pacífica de defesa e emancipação sócio-econômica de trabalhadores urbanos e rurais; *Doutrina* surgida originalmente em oposição ao capitalismo desbragado, mas que depois reagiu também contra os sistemas econômicos que se instalaram em vários países, embasados em crescente intervencionismo estatal ou no socialismo revolucionário; e *Técnica* organizatória dos usuários-empresários cooperativados.

De acordo com Reis Júnior (2006, p. 21) “o movimento cooperativista teve início na Inglaterra, no século XIX, [...] em pleno regime da economia liberal, com a fundação da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale (Rochdale Society of the Pioneers), em 1844, cujo objetivo seria encarar a crise industrial da época”.

Segundo Bialoskorski Neto (2006) Robert Owen é tido como o precursor do cooperativismo moderno, grande parte de suas idéias são evidenciadas nos estatutos pioneiros de Rochdale, fazendo parte da doutrina cooperativista. Sendo o primeiro a utilizar a palavra cooperação, sendo esta aplicada como antônimo de concorrência, sendo que juntamente com a liberdade de movimentação do capital, bem como da propriedade privada, constituiu a base do liberalismo econômico da época. Bialoskorski Neto (2006, p. 23) menciona ainda que “a cooperação e o próprio cooperativismo são discutidos, inicialmente, por uma linha determinada de pensadores econômicos, os socialistas chamados utópicos, e entre esses os associacionistas”.

Sendo que alguns outros autores são acrescentados ao lado de Owen, de acordo com Monje-Reyes (2011, p. 710, tradução do autor):

Os denominados socialistas associacionistas utópicos, como Saint-Simon, Charles Fourier, Robert Owen, William King, Phillipe Buchez, Michel Derrion, Louis Blanc, vindo de diferentes concepções teórico-políticas para o interior do debate do socialismo utópico, se pronunciaram contra a exploração e são considerados, com toda a justiça, os precursores do cooperativismo moderno.

Sem esquecer-se das experiências de Raiffeisen, Luzzatti, Schultz-Delitzch, Haas e outros no campo das cooperativas de crédito (PINHO, 1977, p. 24).

Para estes associacionistas, segundo o relato de Hugon² (1970, p. 168, apud BIALOSKORSKI NETO, 2006, p. 25) “o indivíduo isolado, célula econômica do mundo clássico, seria substituído pela associação, constitutiva do novo meio ambiente”.

Em novembro de 1843, passando por uma greve por melhores salários um grupo de tecelões ingleses procurava escapar da miséria a qual eram subjugados, diferentes soluções foram debatidas, ganhando consistência nesses debates a influência de socialistas utópicos

² HUGON, Paul. **História das doutrinas econômicas**. São Paulo: Atlas, 1970. 447 p.

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

como Robert Owen e William King, sobre a formação de uma sociedade cooperativa. “Assim, em outubro de 1844, após terem juntado com muito sacrifício alguns recursos próprios – 28 libras – esses pobres tecelões de Rochdale registraram e fundaram uma sociedade, a ‘Rochdale Society of Equitable Pionners’, uma cooperativa de consumo” (BIALOSKORSKI NETO, 2006, p.27), “[...] dois meses depois foi inaugurado o armazém cooperativo, com as economias daquele longínquo ano, onde eram vendidos aos cooperados gêneros alimentícios e outras mercadorias de uso pessoal” (REIS JÚNIOR, 2006, p. 26-27).

Sendo que a fundação da Rochdale é considerada como o marco fundamental do cooperativismo moderno. Em seus estatutos, cuja primeira redação ocorreu em 1844, modificada pelos pioneiros em 1854, e posteriormente nos congressos da Aliança Cooperativa Internacional em 1937 (Paris) e 1966 (Viena) possuindo como redação: 1) adesão livre; 2) gestão democrática; 3) distribuição das sobras líquidas; 4) taxa limitada de juros ao capital social; 5) constituição de um fundo para educação dos cooperados; e 6) ativa cooperação entre as cooperativas. (PINHO, 1977).

De acordo com Bialoskorski Neto, (2006) e Reis Júnior (2006) a Aliança Cooperativa Internacional - ACI, órgão máximo do movimento cooperativista mundial, foi idealizada nos movimentos da França e Inglaterra em 1892 e criada em 1895, estabelecendo até hoje estes princípios gerais, que caracterizam a forma organizacional das cooperativas.

Segundo Reis Júnior (2006 p. 31) “esses princípios podem ser listados como: a) a democracia; b) a adesão livre e voluntária; c) a neutralidade política e religiosa da empresa; d) o fomento à educação cooperativista; e) o retorno *pro rata* das sobras das operações; f) a intenção de modificar a ordem econômica”. Sendo que este último não faz mais parte da doutrina cooperativista atual.

De acordo com Pinho (1977) a introdução do conceito de cooperativismo no Brasil se deu através de Santana Nery - que teria participado do II Congresso das Cooperativas de Consumo, ocorrido em 1886, na França - em maio de 1.888, a revista financeira do Rio de Janeiro chamava a atenção para as cooperativas como forma de reorganizar a produção e comercialização agrícola, após a crise ocasionada pela libertação dos escravos. A partir daí iniciaram-se campanhas de difusão do cooperativismo pelo país como meio de solucionar problemas da produção agropecuária.

Quanto às organizações cooperativas o art. 4º da Lei nº 5.764, de 16.12.1971, as define como: “(...) sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas a falência, constituídas para prestar serviços aos associados

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia
Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

(...)”.(MENEZES, 2005, p. 41) sendo esta legislação a que melhor adaptou-se aos anseios cooperativistas, definindo a política nacional do cooperativismo, que findou por coroar um ideal a muito tempo acalentado (REIS JÚNIOR, 2006)

Reis Junior (2006) ressalta ainda que a Lei nº 10.406, de 10.01.2002, que instituiu o Código Civil Brasileiro trouxe algumas novidades e alterações pontuais para o cooperativismo, sendo estas tratadas no Subtítulo II, Capítulo VII, arts. 1.093 a 1096, sendo as cooperativas aludidas ainda nos arts. 982, 983 e 1.159.

A Aliança Cooperativa Internacional define que “cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se unem voluntariamente para satisfazer suas aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva, gerida democraticamente”. (COSTA; BIALOSKORSKI NETO, 2009, p. 612).

Zylbersztajn³(1993) citado por Bialoskorski Neto (2006, p. 55) “descreve que as cooperativas consistem numa organização com direitos de propriedade acima da corporação, quando cada membro tem o poder de interferir no destino da empresa, [...] de acordo com o principio de, a cada homem, um único voto”.

As relações dentro das cooperativas geram alguns níveis de dependência entre os cooperados, assim numa “relação de dependência significa que ao me associar a outro produtor, meu ganho futuro deverá ser maior que se eu ficasse sozinho”. (VILPOUX, 2011, p. 217). Assim ao mesmo tempo em que um produtor depende dos demais, o grupo se beneficia com os ganhos produzidos pela coletividade, o que reflete em um retorno satisfatório. “A forma cooperativa só é vantajosa se a coordenação das atividades econômicas de seus agentes resultarem em vantagens maiores que os custos da renuncia a uma condição de livre mercado” (BIALOSKORSKI NETO, 2006, p. 34).

Vilpoux (2011, p. 221) complementa ainda mencionando que:

Todo ganho ligado à interação entre dois ou mais atores está ligado a um retorno futuro, que deve ser superior a uma realidade presente, com ausência de interação [...], a interação entre indivíduos ou empresas é benéfica quando os ganhos com a interação excedem os custos. No entanto, a falta de projeção no futuro diminui a percepção de ganhos futuros.

³ ZYLBERSZTAJN, Décio. **Organizational challenges for farmers cooperatives**. IN: *Symposium of the International Agribusiness Management Association*, San Francisco, CA, 1993

2.2 Cooperativas no agronegócio

“No Brasil, não é de hoje que o cooperativismo rural tem sido visto como mecanismo de modernização da agricultura, estratégia de crescimento econômico ou instrumento de mudança social.” (SCOPINHO, 2007, p. 85). Uma vez que cooperando consegue-se melhores condições de negociação, seja na compra ou na venda. “As cooperativas agropecuárias desempenham importante papel no desenvolvimento econômico e social de seus associados”. (SOUZA; BRAGA, 2007, p. 169).

Para Singer (2001, p. 106):

A cooperativa que deu mais certo, e até hoje domina segmentos importantes da agricultura, é a de comercialização. Ela surge como reação dos agricultores familiares à exploração que eles sofriam por parte dos atacadistas e industriais que lhes compravam a produção e, mais recentemente, também por parte dos industriais que lhes vendem sementes, fertilizantes, inseticidas, equipamentos mecânicos etc. Esmagados por oligopólios a jusante (oligopsônio) e a montante (oligopólios), a saída lógica foi organizar os pequenos agricultores em empresas solidárias que realizassem em nome deles as compras e as vendas, proporcionando-lhes com isso o que os economistas chamam *de poder de mercado*, ou seja, poder de barganha, além de ganhos de escala.

Desse modo os cooperados dispõem de condições para permanecer e competir no mercado, o que dificilmente conseguiriam atuando isoladamente. Assim através da cooperativa os retornos econômicos originam-se da inserção dos pequenos e médios produtores em mercados concentrados e da agregação de valor à sua produção. “Além da importância econômica, é relevante frisar a importância social atribuída a essas organizações, que são, em certos municípios e regiões, a única forma de organizar e comercializar a produção dos agricultores” (SOUZA; BRAGA, 2007, p. 169).

O que também é corroborado por Ferreira e Braga (2004, p. 32) mencionando que:

As cooperativas agropecuárias desempenham importante papel econômico e social, principalmente pelo fato de representarem, em muitas regiões, uma das poucas possibilidades de agregação de valor à produção rural, bem como da inserção de pequenos e médios produtores em mercados concentrados.

Para Schneider⁴ (1981), citado por Scopinho (2007 p. 86), “o cooperativismo rural brasileiro tem procurado harmonizar as dimensões econômicas, sociais e culturais do processo de desenvolvimento do país, independentemente das condições estruturais concretas às quais

⁴ SCHNEIDER, J. E. (1981). **O cooperativismo agrícola na dinâmica social do desenvolvimento periférico dependente**: O caso brasileiro. In: M. R. Loureiro (Ed.), *Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil* (p. 11-40). São Paulo: Cortez.

ele se sobrepõe”. Buscando melhorar a situação dos cooperados, afinal segundo Trechter⁵ (1996), citado por Souza e Braga (2007, p. 171) “[...] a meta primária de uma cooperativa é melhorar o bem-estar de seus clientes (que também são donos do negócio), pois, em muitas áreas rurais, a cooperativa é, ao seu redor, um dos poucos negócios restantes que organiza a produção de bens e serviços dos produtores”.

Assim dentre os benefícios que podem ser usufruídos pelos cooperados encontram-se custos mais baixos e retornos mais elevados, conforme descreve Bialoskorski Neto (2006, p. 109):

Considerando que uma cooperativa pode ser entendida, dado o grande número de sócios, como uma organização que gera externalidades econômicas positivas, na manutenção de determinados níveis de preços regionais, há uma tendência de se verificar preços mais baixos pagos pelos produtores rurais aos insumos agrícolas e preços mais altos recebidos pelos produtores rurais por sua produção.

3 METODOLOGIA

Este trabalho teve como ferramenta metodológica em um primeiro momento a pesquisa bibliográfica, possuindo natureza descritiva, onde se buscou realizar um levantamento de teorias que tratem sobre cooperativismo, desde seu surgimento, bem como alguns trabalhos mais recentes. Em um segundo momento utilizou-se a pesquisa documental com a consulta a dados secundários de uma organização para demonstrar como a teoria evidencia-se na prática. Foi utilizada ainda a busca por artigos no banco de dados eletrônicos da Scientific Electronic Library Online - SciELO (<http://www.scielo.org>) utilizando como palavras-chave: cooperativas rurais, cooperativismo, cooperativas no agronegócio, visando acrescentar contribuições sobre cooperativas principalmente relacionadas ao agronegócio.

Desse modo procurou-se analisar o conteúdo encontrado na literatura, que trata sobre a área do cooperativismo, na intenção de se extrair algumas das finalidades ou contribuições que as organizações cooperativas oferecem a seus cooperados. Buscando no momento seguinte realizar uma demonstração destas contribuições em um exemplo prático, com uma cooperativa que atue na área do agronegócio. A Cooperalfa foi a organização escolhida por atender a esta delimitação e possuir em seu site referência documental de suas ações como relatórios de anuais, de gestão e balanço sócio-ambiental de suas atividades. Material este que

⁵TRECHTER, D. D. **Impact of Diversification on agricultural cooperatives in Wisconsin**. *Agribusiness*, Hoboken, v. 12, n° 4, 1996, p. 385-394.

contribuiu para a escolha desta organização para exemplificação, neste estudo, da teoria vista na prática.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A Cooperalfa

O início da cooperativa ocorreu em 29 de outubro de 1967, com a fundação da então chamada Cooperchapecó, possuindo neste momento 37 associados, contando com capital de 24 mil cruzeiros. Dois anos mais tarde, em abril de 1969 a Cooperchapecó fundaria com mais outras sete cooperativas da região Oeste, a Cooperativa Central do Oeste Catarinense – Aurora, visando ingressar na industrialização de suínos. No ano de 1970 a Cooperchapecó inaugura seu primeiro conjunto de armazéns de fundo plano e, em 1971 dispunha de capacidade estática de armazenagem e beneficiamento de grãos para 300 mil sacas.

Em 1972 a estruturação de uma assistência técnica começa a surgir na cooperativa. Em janeiro de 1975 a Cooperchapecó passa a se chamar Cooperativa Regional Alfa, como resultado da fusão com a Cooperxaxiense, passando a ocupar também o primeiro lugar entre as cooperativas catarinenses em volume de produção, número de associados e movimento econômico. Em 1976, foi inaugurado mais um complexo armazenador, em Chapecó, com capacidade para 370 mil sacas. Em 1977, outra unidade era inaugurada em Quilombo, com capacidade para 300 mil sacos a granel.

Durante o final da década de 1970 e toda década de 1980 iniciam-se as operações industriais, expansão dos negócios, além da ampliação do sistema cooperativista e da confiança na cooperativa. Dispondo de capacidade de armazenagem para mais de um milhão de sacas de grãos, e ainda prestar mais de 50 tipos de serviços aos associados nas diversas fases do processo: econômico, social, cultural e técnico. Possuindo em 1980, um patrimônio superior a 700 milhões de cruzeiros.

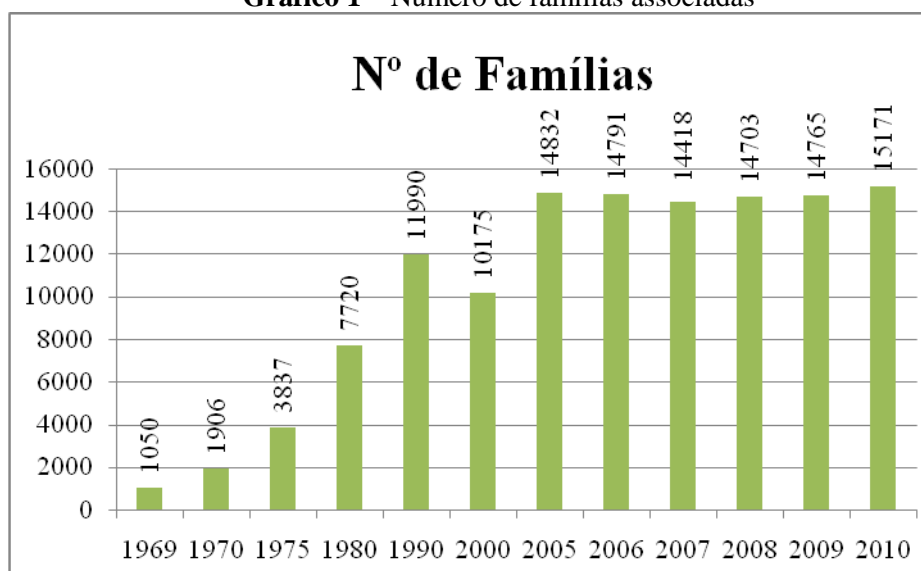
No início dos anos 90 ocorre um redimensionamento societário, e avanço das tecnologias de informação e profissionalização do agricultor. Com a mudança da presidência em 1997 são vislumbradas novas estratégias de preparo e valorização dos recursos humanos, e ainda ampliação da capacidade de armazenagem.

De 2000 a 2009 inúmeras mudanças ocorrem na cooperativa, concepções ambientais, aquisição de novas instalações, incorporação da Cooper São Miguel e parte da Cooperpindorama, além de investimentos na industrialização. Em 25 de novembro de 2009 a

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia
Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

razão social altera-se passando a ser nomeada Cooperativa Agroindustrial Alfa. Assim em 2010 a Cooperalfa já disponha de 119 unidades de negócios, com presença física em 52 municípios de Santa Catarina, três no Paraná, um quadro social de 15.171 associados, 2.117 funcionários, uma receita global de mais de 1 bilhão e capacidade de armazenagem de 8,2 milhões de sacas de grãos e diversas marcas de produtos. Além de 35 silos, 01 centro de distribuição, 02 fábricas de ração, 02 postos de combustíveis, 75 agropecuárias, 02 unidades de resfriamento de leite, 02 unidades produtoras de leite, 03 unidades de recebimento de grãos, 56 mercados, 03 indústrias e 03 unidades de beneficiamento de sementes. Ainda com dados de 2010, demonstra-se a evolução no número de famílias associadas à Cooperalfa desde sua criação, conforme exposto no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Número de famílias associadas



Fonte: Cooperalfa (2010, p. 9)

No fechamento de 2010 o número de associados pertencentes a agricultura familiar totalizava 11.212, um total de 73,90% do quadro social.

A Cooperalfa promove encontro de casais, em 2010 houve 17 destes encontros com a participação de mais de 5.000 participantes. Investe no desenvolvimento da família associada através de Programas de qualidade no campo, como:

- *Qualidade Total Rural - QTR* no qual 324 propriedades mudaram de perfil em 2010 através do “De Olho na qualidade”, outras 190 propriedades iniciaram o programa de controle de dados e gestão, visando uma melhor administração de seus empreendimentos.

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia
Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

- *Campo Demonstrativo Alfa*, evento que em 2010 possuía o tema “Administração Rural Já – atitude, superação e resultado” que ressaltou o controle na propriedade, tornando o agricultor um empresário rural

- *Programa de Formação de Jovens Líderes Cooperativistas – FOJOLICO* que em 2010 formou 18 jovens após preparação de 290 horas sobre gestão agropecuária e cooperativismo, “[...] objetivando edificar novas lideranças, com visão estratégica e boa influencia nos processos decisórios e na sucessão familiar, seja na cooperativa ou nas empresas rurais”.(COOPERALFA, 2009, p. 15)

- A Cooperalfa em 2009 encaminhou 40 filhos de sócios para o Encontro Estadual de Jovens promovido pelo Sescop e 38 jovens em 2010, desejando com isso promover estratégias de gestão, bem como o fortalecimento do cooperativismo.

Para o Encontro Estadual de Mulheres Cooperativistas a Cooperalfa encaminhou como representação duas delegações composta com oitenta esposas de sócios.

Inúmeros foram os eventos propiciados pela Cooperalfa em 2010 envolvendo a participação de seus associados conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Eventos realizados pela Cooperalfa

Eventos	Total
Palestras/Reuniões/Seminários	9.991
CDA - Campo Demonstrativo Alfa	7.954
Copa Alfa de Futebol Suíço/Bocha	7.552
Encontro de Mulheres e Casais	5.753
Dias de Campo	5.486
Programa De Olho e QT Rural - Família	3.311
Dia de Negócios	3.165
Pré-Assembléia	2.312
Outros Eventos	1.756
Reunião de Conselho de Filial	1.271
Feiras, Viagens de Conhecimento	767
Cota-Capital	530
Assembléia Geral	447
Trabalho Especifico com Líderes	424
Trabalho Especifico com Jovens	330
Treinamento de Novos Sócios	316
Audiência Publica Lei Ambiental	143
Total participantes nos eventos em 2010	51.508

Fonte:Cooperalfa (2010, p.13)

4.2 Cooperativismo: finalidades/contribuições

Após devida análise do referencial teórico e dados secundários da Cooperalfa, pode-se observar que a opção por agrupar-se em forma de cooperação como organização em cooperativas, é utilizada de diferentes maneiras e com finalidades diversas, dentre as quais citam-se:

Meio de sobrevivência – a cooperação é vista desde o início da vida humana, mesmo que não na forma de cooperativa, mas a interação entre diversos indivíduos, na busca pelo atendimento de objetivos comuns como a sobrevivência, a segurança, além do desenvolvimento da espécie humana, foram atingidos apenas graças à cooperação entre indivíduos;

Meio de combater as desigualdades, tanto econômicas quanto sociais – os pioneiros da Rochdale são uma demonstração de que mesmo em meio a desigualdade imposta pelo sistema, quando existe cooperação, pode-se obter resultados bem diferentes dos que seriam alcançados individualmente. É óbvio que nem todos os pontos dispostos nos estatutos desta cooperativa puderam ser atingidos, mas os avanços conseguidos por estes, bem como sugeridos pelos associacionistas utópicos como Owen, King, dentre outros são vistos até nos dias de hoje. No exemplo prático da Cooperalfa o que iniciou em 1967 como meio de resolver os problemas conflitantes na comercialização de trigo de 37 pessoas, é hoje uma sólida e bem estruturada cooperativa com mais de 15.000 associados.

Meio de obter escala de produção e vendas – a produção de um único indivíduo frente a concorrência do ambiente no qual este encontra-se inserido sofre certos tipos que entraves, como por exemplo baixo preço pago pelos compradores, ou mesmo uma possível dependência de atravessadores para a venda da produção. Fatores estes que podem ser superados através da venda realizada por meio da cooperativa, onde são agrupadas as produções de diversos produtores, proporcionando uma escala de produtos maior na hora da venda, o que lhe confere um poder de barganha (relacionado a preço) frente aos compradores, possibilitando melhores retornos. Com apenas quatro anos a Cooperalfa inaugura seu primeiro conjunto de armazéns com capacidade estática de armazenagem e beneficiamento de grãos para 300 mil sacas, o que lhe proporcionou uma comercialização em larga escala;

Meio de redução no preço dos insumos – de modo similar ao item anterior a compra de insumos quando realizada individualmente, possui pequenas chances de ocorrer com valores satisfatórios, já quando esta compra ocorre através de uma cooperativa onde o volume

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

de compras é muito superior, pois reúne diversos cooperados, pode gerar descontos, ocasionando assim num valor mais atraente aos produtores;

Meio de acesso a mercados – outra função importante das cooperativas é permitir o acesso a mercados que antes, isolados, os produtores não possuíam meios de atender, seja pela baixa produção ou pela dificuldade de escoar a produção, assim a cooperativa aparece como uma saída, ou um meio de inserir estes produtores antes “excluídos” nestes novos mercados disponibilizados pela cooperativa. Para Fachinello (2010, p. 66) a cooperativa é um meio de “intermediação entre o produtor e o comprador, facilitando a negociação e melhores preços para os produtos, possibilitando a agregação de valor ao produto com industrialização [...]”. O exemplo da Cooperalfa retrata bem esta questão, onde inicialmente tratava-se da comercialização de trigo, hoje opera em escala industrial e não apenas “fechado” na produção, mas também possui fabricas de ração, indústrias, postos de combustível, mercados e etc;

Forma de agregação de valor a produção – a cooperação disponível dentro das cooperativas possibilita que o produtor consiga agregar valor a seu produto, o que pode acontecer através da venda conjunta realizada através das cooperativas, ou ainda por algum tipo de beneficiamento realizado no produto, que gera um adicional em seu valor de mercado. Ainda ocorre a interação entre os cooperados, que também gera o compartilhamento de informações, podendo ser relacionadas a procedimentos de melhoria da qualidade, estocagem, transporte dentre outros inúmeros fatores, benéficos ao produtor; e

Retorno proporcional a produção – na organização da cooperativa os retornos obtidos são diretamente proporcionais as atividades desenvolvidas no período e não ao capital investido, buscando manter atratividade nas ações da cooperativa.

Ainda podem ser mencionados inúmeros benefícios das ações através das cooperativas, como feiras, palestras, eventos, fundo de apoio aos cooperados, fomento a educação cooperativista e até em alguns casos financiamento ao cooperado, conforme explicitado por Bialoskorski Neto (2006, p. 93) “[...] além de ter que financiar a si própria, cooperativa tem que financiar muitas vezes o cooperado, para garantir a aquisição de uma determinada quantidade de produtos e/ou venda de insumos”.

5 CONCLUSÕES

O que pode ser extraído do trabalho é que as cooperativas no cenário do agronegócio brasileiro funcionam como meio de inserção de pequenos e médios produtores a mercados

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

que antes não possuíam acesso, através das potencialidades expostas acima. Com isso o que pode ser evidenciado, é que através do cooperativismo existe a possibilidade de um crescimento no âmbito do agronegócio brasileiro.

Outro ponto que cabe ressaltar é o fator não apenas econômico da inserção que as cooperativas possibilitam a estes produtores, mas também um ganho social conforme pode ser evidenciado em seu início através dos pioneiros da Rochadale. As cooperativas representam uma possibilidade de melhoria no desempenho ou mesmo das condições de concorrência dos produtores. Possibilitando não apenas ganho de escala e redução de custos, mas também acesso a procedimentos de melhoria de qualidade, estocagem e transporte possibilitados através da interação com outros produtores do mesmo setor ou de setores paralelos, o que leva a uma situação onde um colabora com o desenvolvimento do outro e, por conseguinte com o desenvolvimento da cooperativa. Com isso os resultados são mutuamente benéficos.

Pode se afirmar que o objetivo proposto neste trabalho foi alcançado, uma vez que puderam ser evidenciadas algumas das potencialidades que a cooperativa possibilita a seus integrantes, e demonstrá-las com um exemplo prático, fazendo com que estes possam atingir um desempenho diferenciado do que alcançariam agindo isoladamente.

Desde seu nascimento o cooperativismo tem trazido resultados benéficos a coletividade, é obvio que se não houver a noção de participação ou interação entre os integrantes, esta pode não atingir os resultados esperados. No entanto por se tratar de uma associação de pessoas em busca de um bem comum os resultados satisfatórios desta dependem de cada um de seus integrantes, bem como das ações desenvolvidas por estes visando o desenvolvimento da cooperativa.

Cabe ressaltar as limitações deste trabalho, sendo que não se partiu do pressuposto de realizar um estudo aprofundado desde os primórdios da civilização humana ate os dias atuais, nem de todas as linhas teóricas, apenas em realizar uma análise desde o surgimento do movimento cooperativista moderno até algumas contribuições mais recentes, buscando apresentar algumas das atividades ou benefícios que as cooperativas podem oferecer a seus integrantes. Portanto não cabe a este a realização de generalizações ou inferências.

REFERÊNCIAS

ARROYO, João Cláudio Tupinambá. Cooperação econômica versus competitividade social. **Revista Katálysis [online]**. vol.11, nº1. Florianópolis, Jan./Jun. 2008. p. 73-83. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v11n1/07.pdf>>. Acesso em: 01/01/2012.

BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. **Aspectos econômicos das cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.

COOPERALFA - Cooperativa Agroindustrial Alfa. **Relatório de Gestão**. 2009. Disponível em:<http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=relatorios_gestao>. Acesso em 10/04/12

_____ - Cooperativa Agroindustrial Alfa. **Relatório de Gestão**. 2010. Disponível em: <http://www.cooperalfa.com.br/2010/pagina.php?menu=relatorios_gestao>. Acesso em 10/04/12

COSTA.Davi Rogério de Moura; BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. Metodologia de rating em cooperativas agropecuárias: um estudo de caso. **Revista Gestão & Produção. [online]**.vol.16, nº 4, São Carlos, Out./Dez. 2009. p. 612-623. ISSN 0104-530X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v16n4/a10v16n4.pdf>>. Acesso em: 01/01/2012

FACHINELLO, Dirlei Terezinha. **Produtos Florestais Não-Madeiráveis (PFNM) no Estado de Rondônia e as Visões sobre Desenvolvimento, Sustentabilidade e Extrativismo**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração – PPGMAD, Porto Velho: UNIR, 2010, 99 p. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp150697.pdf>>. Acesso em: 10/04/12.

FERREIRA, Marco Aurélio Marques; BRAGA, Marcelo José. Diversificação e competitividade nas cooperativas agropecuárias. **Revista de Administração Contemporânea. [online]**.vol.8, nº4, Curitiba, Out./Dez. 2004,p. 33-55. ISSN 1982-7849. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v8n4/v8n4a03.pdf>>. Acesso em: 01/01/2012

MENEZES, Antônio. **Nos rumos da Cooperativa e do Cooperativismo**. Stilo: Brasília, 2005.

MONJE-REYES, Pablo. Economíasolidaria, cooperativismo y descentralización: la gestión social puestaenpráctica.**Cadernos EBAPE.BR [online]**.vol.9, nº3, Rio de Janeiro, Set. 2011. p.710-723. ISSN 1679-3951. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v9n3/a03v9n3.pdf>>. Acesso em: 01/01/2012.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Manual de Gestão das cooperativas: uma abordagem prática**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PINHO, Diva Benevides. **Economia e cooperativismo**. São Paulo: Saraiva, 1977.

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

REIS JÚNIOR, Nilson. **Aspectos societários das cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Sobre cooperação e cooperativas em assentamentos rurais. **Revista Psicologia & Sociedade**. [online]. vol.19, Ed. Esp. Porto Alegre, 2007. p. 84-94. ISSN 0102-7182. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea12.pdf>>. Acesso em: 01/01/2012.

SINGER, Paul. Economia solidária *versus* economia capitalista. **Revista Sociedade e Estado** [online]. vol. 16, nº 1-2, Brasília, Jun./Dez. 2001. p. 100-112. ISSN 0102-6992. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v16n1-2/v16n1-2a05.pdf>>. Acesso em: 01/01/2012.

SOUZA, Uemerson Rodrigues de; BRAGA, Marcelo José. Diversificação concêntrica na cooperativa agropecuária: um estudo de caso da COMIGO. **Revista Gestão & Produção**. [online]. vol.14, nº1, São Carlos, Jan./Abr. 2007. p. 169-179. ISSN 0104-530X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v14n1/13.pdf>>. Acesso em: 01/01/2012

VILPOUX, Olivier François (Org). **Sustentabilidade e agricultura familiar**. 1. ed. Curitiba/PR: CRV, 2011